



## ALÔ, COMUNIDADE: A pandemia do coronavírus na ótica de movimentos sociais no rádio

Kátia Fraga<sup>1</sup>

Lucas Zini<sup>2</sup>

Universidade Federal de Viçosa (UFV)

**Resumo:** Este artigo objetiva apresentar reflexões em torno das edições especiais do programa radiofônico “QLE em Movimento”, produzido pelo coletivo Quem Luta Educa (QLE) sobre a pandemia da Covid-19 para a emissora Rádio Melodia FM, de Viçosa, em Minas Gerais. A produção, baseada nas práticas do radiojornalismo, faz parte do projeto de extensão intitulado “Alô, Comunidade: a voz de cidadania e da cultura popular no rádio em tempos de coronavírus”, do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV). O programa foi criado em 2019 e a nova temporada entrou no ar em julho de 2020, com edições especiais relacionadas ao Coronavírus. Dentre os assuntos estão a valorização de profissionais de áreas como a da saúde e de serviços, bem como de ações de solidariedade desenvolvidas na região para ajudar indivíduos em situação de vulnerabilidade econômica e social.

**Palavras-chave:** Radiojornalismo; Rádio; Comunicação Comunitária; Pandemia; Coronavírus.

### 1. Introdução

A importância do desenvolvimento de projetos que estimulem práticas comunicacionais capazes de incentivar a participação das comunidades no fazer-jornalístico é

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutora em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV); coordenadora do projeto de extensão Alô, Comunidade: a voz da cidadania e da cultura popular no rádio; coordenadora do projeto de iniciação científica Produções radiofônicas como instrumento de mobilização social: Um estudo de caso em emissoras de Viçosa/MG. E-mail: [katiafraga@ufv.br](mailto:katiafraga@ufv.br)

<sup>2</sup> Graduando em Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV); bolsista do projeto de iniciação científica Produções radiofônicas como instrumento de mobilização social: Um estudo de caso em emissoras de Viçosa/MG pelo edital FUNARBIC 2020. E-mail: [lucasziniribeiro@gmail.com](mailto:lucasziniribeiro@gmail.com)

notável. Em tempos de pandemia do coronavírus<sup>3</sup> com a proliferação de *fake news* sobre a doença e de fortes ataques ao jornalismo no Brasil, como vem denunciando a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ)<sup>4</sup>, movimentos sociais buscam espaços midiáticos na tentativa de fortalecer a comunicação voltada para a prestação de serviços e o exercício da cidadania. Para tanto, o coletivo Quem Luta Educa (QLE) procurou uma parceria profissional no campo do Jornalismo para entender as práticas do radiojornalismo apostando no potencial da mídia radiofônica, sobretudo no cenário de uma cidade de interior, especificamente em Viçosa, na Zona da Mata de Minas Gerais. É nesse ambiente que surgiu a parceria entre os militantes e um projeto de extensão do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV) que deu corpo ao programa **QLE em movimento**.

O QLE é um coletivo composto por estudantes, professores, integrantes de movimentos sociais, sindicais e religiosos. Ele surgiu em 2017, a partir do Grupo de Seguridade Social – GTSS (em Viçosa), criado como forma de resistir à reforma da previdência e outras propostas do governo Temer. No mesmo ano, em função da participação de outros movimentos locais, aprovou-se a criação do QLE em Viçosa - um braço do movimento estadual, que tem sede em Belo Horizonte/MG.

O coletivo se organizava por meio de reuniões presenciais semanais, porém, com a pandemia, agora depende das redes sociais e outras interações tecnológicas para continuar suas atividades. *Instagram*, *Facebook* e grupos de *WhatsApp* são as principais ferramentas de contato com os seus membros e apoiadores. É por meio delas que o coletivo divulga suas pautas, reuniões e conquistas para o público.

---

<sup>3</sup> A COVID-19 é uma doença infecciosa de alto contágio causada pelo novo coronavírus, o SARS-CoV-2. Ela pode provocar, quando não assintomática, doenças respiratórias leves, moderadas, agudas e, no pior dos cenários, a morte do seu portador. Sua transmissão se dá por meio do contato com as partículas infectadas presentes nas gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro ou em superfícies contaminadas. Até o momento ainda não existe cura ou vacina para a doença. Informações obtidas em: <https://www.who.int/health-topics/coronavirus> (Acesso em 23 jun. 2020).

<sup>4</sup> No Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, em maio deste ano, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) divulgou que o tema definido para celebrar a data pela Organização das Nações Unidas (ONU) foi “Jornalismo sem medo ou favor”, uma referência ao contexto de pandemia do novo coronavírus e também aos ataques contra o jornalismo e jornalistas no Brasil. Essa foi uma das várias formas de manifestação da entidade representativa da categoria. Informações obtidas em <https://fenaj.org.br/presidente-e-o-maior-responsavel-por-ataques-a-liberdade-de-imprensa-no-pais/> (aceso 10 jun. 2020).

Desde o início de 2019, o QLE passou a fazer parte do projeto de extensão **Alô, Comunidade: A voz da cidadania e da cultura popular no rádio**, vinculado ao Departamento de Comunicação Social da UFV. O projeto tem como objetivo formar comunicadores populares, integrantes de movimentos sociais, para que possam produzir seus próprios programas radiofônicos de conteúdo plural e diversificado, com temáticas voltadas para a cidadania e cultura popular local. Busca-se, também, aplicar o método jornalístico na criação desses produtos radiofônicos com práticas do Radiojornalismo desde a produção de pauta, produção, realização de entrevistas, edição, dentre outras técnicas e teorias (BARBEIRO, LIMA, 2001; FERRARETTO, 2014; BARBOSA FILHO, 2003).

Todo o processo de capacitação respeitou os princípios da comunicação comunitária para agregar contribuições dos membros das entidades parceiras e conferir identidade própria às suas produções. Após as oficinas, o programa **QLE em movimento** foi levado ao ar na Rádio Melodia FM, localizada em Viçosa. As produções radiofônicas foram realizadas com o suporte do projeto de extensão, já que os episódios são produzidos pelos integrantes do coletivo em parceria com estudantes e a professora coordenadora do “Alô Comunidade”. O projeto foi suspenso em março deste ano em função da paralisação das aulas determinada pela administração da UFV com base em orientações dos órgãos de saúde, o que resultou na suspensão também das peças.

Pouco tempo depois, devido aos recentes acontecimentos relacionados à pandemia do novo coronavírus, verificou-se a necessidade de aprimorar o projeto e adequá-lo à nova realidade. O projeto ganhou, então, um novo título: **Alô, comunidade: a voz da cidadania e da cultura popular no rádio em tempos de coronavírus**. Nesta edição especial, o projeto atende ao QLE para produção de programas temáticos sobre a pandemia na perspectiva dos movimentos sociais, enfocando na prestação de serviços com orientações, relatando situação de precariedade dos trabalhadores, a solidariedade popular e outros aspectos.

O programa **QLE em movimento** é o objeto de estudo do presente artigo, que objetiva apresentar reflexões em torno das edições especiais nessa fase de pandemia, buscando analisar de que forma seus produtores, membros de movimentos populares e sindicais, discutem suas percepções acerca do novo coronavírus e seus impactos na socie-

dade. Para tanto, inicialmente faremos reflexões teóricas acerca da temática, em seguida apresentaremos a metodologia, a análise dos resultados e as considerações finais.

## **2. Perspectivas teóricas**

Nesse contexto de demandas por informações fundamentais para esclarecer a população sobre vida e morte, saúde e doença, fome e solidariedade, surge a iniciativa do coletivo QLE de criar edições de um programa de rádio. Esses comunicadores populares buscaram um espaço midiático para apresentar um outro ponto de vista em relação a uma parcela esquecida pelos grandes conglomerados comunicacionais.

Para além das práticas jornalísticas, a comunicação popular também foi defendida pela diretora do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais e editora do Brasil de Fato MG, Joana Tavares, conforme entrevista concedida recentemente. “A comunicação popular que sempre foi muito necessária se torna ainda mais, porque a gente precisa fazer junto muitas perguntas: como chegamos aqui? como fazer para superar esse cenário?” sinaliza a jornalista ao reforçar a importância dessa perspectiva da comunicação diante da crise econômica, social e sanitária gerada pela pandemia do novo coronavírus.

Nesse sentido, a participação ativa dos movimentos sociais como mediadores populares em canais de comunicação, como no rádio no caso em estudo, torna-se fundamental a partir da vivência com a história de vida, as experiências, a cultura local, a realidade desses sujeitos. Para a inserção do QLE no fazer-jornalístico, os integrantes do coletivo no projeto Alô Comunidade passaram por várias fases de capacitação para compreenderem o processo das rotinas de produção de peças radiofônicas, de teoria e prática, além de formatos de programas (BARBEIRO, LIMA, 2001; FERRARETTO, 2014; BARBOSA FILHO, 2003).

Todas as atividades do projeto de extensão são norteadas pelas técnicas do rádio-jornalismo com os princípios da comunicação comunitária. A equipe do projeto segue a visão de Freire (1983) ao atuar com base na reciprocidade de saberes e entender que o aprendizado crítico que não repete informações, dados e técnicas, mas que reflete e contextualiza-os no mundo. Para Freire (1983, p. 69) “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos inter-

locutores que buscam a significação dos significados” e é dessa forma que o projeto Alô Comunidade é desenvolvido.

A produção de conteúdo de cada edição do programa “QLE em Movimento” é pensada no cotidiano (CERTEAU, 2014) desses movimentos sociais, nas suas práticas de sociabilidade. A partir desse conhecimento, os integrantes do projeto formularam um espírito crítico capaz de compreender a lógica da grande mídia, já que “a melhor forma de entender a mídia é fazer mídia” (PERUZZO, 2007, p.12).

Dessa forma, os integrantes do QLE participaram como agentes ativos na definição de produção e circulação de conteúdos midiáticos principalmente levando-se em consideração os preceitos de Silverstone (2001) de que não podemos escapar da mídia, pois ela nos liga uns aos outros e está presente em todos os aspectos da nossa existência, nas nossas relações familiares e pessoais, em casa, no trabalho, ou em outros ambientes.

Assim, “ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntos, modificam a realidade onde estão inseridos” (DIAZ BORDENAVE, 2013, p.38). Segundo Cicília Peruzzo, a comunicação popular participativa contribui no processo de fortalecimento de uma cultura e educação democráticas. Para ela, a comunicação

“ajuda a conhecer, resgatar e valorizar as raízes do povo. Altera as dimensões do comportamento cotidiano. Socializa o direito de expressão e dos conhecimentos técnicos. Desmistifica os meios. Promove a criação coletiva. Difunde conteúdos diretamente relacionados à vida local.” (PERUZZO, 1999, p.302).

Esse fenômeno participativo foi ainda mais fortalecido com o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação (CARDOSO, 2007), que conferem aos cidadãos comuns a possibilidade de produzir seu próprio conteúdo de maneira instantânea. “Antes excluído do debate público articulado pelo Jornalismo, o cidadão começa agora a interferir no processo de produção de conteúdos para as mídias, disputando visibilidade midiática com as fontes oficiais, que historicamente alimentam a pauta jornalística” (VIZEU; MESQUITA, 2011, p.331).

Assim, os agentes sociais tornam-se protagonistas de sua história ao unir forças no exercício da cidadania e expressar seus anseios, sonhos e reivindicações por sua própria voz. A comunicação comunitária e popular representa um instrumento facilitador

para o exercício da cidadania (PERUZZO, 1999), já que moradores ou integrantes de movimentos sociais compartilham experiências, ideias e valorização da cultura local.

A abertura de espaço numa emissora de rádio local permitiu o debate, a troca de ideias e novas perspectivas relacionadas com a pandemia da Covid-19 nos programas produzidos pelo QLE, já que “toda voz, independentemente do canal por onde se transmite, pode enriquecer a opinião pública e favorecer as relações sociais” (LOPEZ VIGIL, 1995, p. 52). No rádio, as histórias de vida e as temáticas locais ganham eco na voz dos próprios agentes sociais, que abordam questões de seus interesses, conforme demonstraremos na análise na etapa dos resultados e análises deste artigo.

Não é por acaso que o rádio foi escolhido para ser a mídia mediadora para a realização do programa ‘QLE em Movimento’ em edições especiais sobre a pandemia. A afirmação do jornalista Alberto Dinis no prefácio do livro “O rádio na era da informação”, de Eduardo Meditsch (2001, p.13), reforça a importância desse veículo por entender que “na era da mundialização, o rádio e as rádios constituem um valioso ferramental para a fixação de identidades” por estimular apegos locais ou regionais e cimentar aproximações. Segundo ele, “o rádio é naturalmente cívico, comunitário” pois “transfere humanidade, tem condições de transformar informação em conhecimento”.

O rádio, que sempre foi o “amigo de todas as horas”, tem exercido um papel importante em tempos de pandemia do novo coronavírus e é apontado no recém-criado Guia intitulado “Covid-19 e comunicação, um guia prático para enfrentar a crise” (FERRARETTO; MORGADO, 2020) como um meio de comunicação importante para divulgação de informações de prestação de serviço para o cotidiano dos brasileiros. “O rádio é um serviço relacionado à informação: cidadania, entretenimento, jornalismo, publicidade”, segundo mencionam os autores afirmando que “na contemporaneidade, o meio rádio posiciona-se como produtor de conteúdo em um contexto multiplataforma...” (FERRARETTO; MORGADO, 2020, p.2).

Essa prestação de serviço ganha força com o potencial do rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016). Com a possibilidade de estar inserida na internet, a Rádio Melodia FM ofereceu ao QLE a vantagem de ampliar a audiência do conteúdo do programa, incluindo a população rural, já que o rádio continua presente nos lares dos mo-

radores do campo seja sintonizado no modelo hertziano ou acessado pelo celular e pela televisão (FRAGA, 2018).

### 3. Metodologia

A metodologia utilizada foi centrada na pesquisa qualitativa por meio da análise de conteúdo (MINAYO, 2001) para verificar os significados e sentidos do conteúdo de 5 edições do programa **QLE em Movimento**. Os roteiros dos primeiros 5 (cinco) programas com a temática “coronavírus” foram transcritos e analisados por meio do software Iramuteq<sup>5</sup> (Interface R<sup>6</sup> para análise Multidimensional de Texto e Questionário). Trata-se de um programa que realiza análise textual e, portanto, foi utilizado como ferramenta metodológica para auxiliar nas análises das falas, expressões e palavras relacionadas às vivências midiáticas da entidade e de seus membros presentes no corpo dos roteiros. O primeiro passo para isso foi reuni-los num único *corpus*, composto por todos os programas transcritos integralmente.

O primeiro programa referente à pandemia analisado nesta pesquisa foi ao ar no dia 18 de março, apenas sete dias após a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar que elevou o estado da contaminação à pandemia da Covid-19<sup>7</sup>. A edição foi um apanhado geral dos acontecimentos da semana e usada como forma de justificar o cancelamento das manifestações convocadas pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e pelas centrais sindicais em defesa da Educação e das Universidades Públicas. Com a suspensão do calendário acadêmico da UFV<sup>8</sup>, no dia 14 de março, o projeto de extensão e, por consequência, os programas também tiveram suas atividades interrompidas.

---

<sup>5</sup> O software Iramuteq, de origem francesa, com licença livre (GLU), possibilita a partir da análise lexicográfica um aprofundamento na sistematização dos dados sobre a temática estudada (CAMARGO; JUSTO, 2016).

<sup>6</sup> O Iramuteq funciona utilizando paralelamente o Software livre R, que é uma linguagem com foco em análises estatísticas e gráficas. O R é “um pacote estatístico open-source e esta flexibilidade o torna bastante popular no meio acadêmico”, proporcionando da “produção das análises e gráficos, incluindo símbolos e fórmulas matemáticas, uma vez que o usuário detém total controle sobre o que está sendo desenhado”. Informações disponíveis em [https://rstudio-pubs-static.s3.amazonaws.com/106363\\_3cdd7d2bedb74c32a5ae86b4bdefb435.html](https://rstudio-pubs-static.s3.amazonaws.com/106363_3cdd7d2bedb74c32a5ae86b4bdefb435.html) Acesso em: 8 jul. 2020.

<sup>7</sup> Informações obtidas em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/oms-decreta-pandemia-mundial-por-novo-coronavirus-24298652>. Acesso em 21 de jul. 2020.

<sup>8</sup> Informações obtidas em: <https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMulti.php?codNot=32257>. Acesso em 21 jul. 2020.

No início de junho de 2020, o projeto retomou a produção em parceria com o QLE para veicular apenas programas com a temática do novo coronavírus. Na abertura do segundo programa da série, os apresentadores afirmam que “depois de um tempinho afastado, o nosso programa volta ao ar a partir desta semana aqui na Rádio Melodia” e justificam que “(...) com a pandemia, tivemos que suspender as gravações do QLE em movimento como forma de proteger a saúde dos companheiros e companheiras que colaboram com o nosso programa”. Nessa segunda fase, as produções foram recortes do cotidiano atual e já versaram sobre solidariedade popular, saúde mental, a crise dos entregadores de aplicativos e a rotina dos profissionais de saúde – todos transcritos e condensados num único *corpus*.

A partir dele, realizou-se uma análise textual para verificar o sentido dos roteiros e auxiliar na análise de conteúdo dos textos processados (BARDIN, 2012), utilizando-se dos métodos de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e da Nuvem de Palavras<sup>9</sup>, ambas processadas pelo *Iramuteq*. Na primeira análise, o programa reparte o *corpus*, no caso, o conjunto das entrevistas realizadas, agrupando-as de acordo com as classes temáticas formadas a partir das palavras que obtiveram mais frequência e maior associação ( $\chi^2$ ) entre si (CAMARGO; JUSTO, 2016). Em outras palavras, o *corpus* é “cortado” em segmentos de texto (STs), formados por pequenos trechos dos depoimentos destacados no texto analisado. Esses segmentos de texto são agrupados em classes temáticas<sup>10</sup>, formadas a partir da junção das palavras com maior relação entre si, permitindo, assim, uma compreensão ampliada dos grupos de discursos e das ideias lançadas pelos entrevistados.

---

<sup>9</sup> Informações obtidas em <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>. Acesso em 08 jul. 2020.

<sup>10</sup> “Estas classes de palavras e segmentos de texto, em nível do software são compostas de vários segmentos em função de uma classificação segundo a distribuição do seu vocabulário. Em nível interpretativo depende do marco teórico de cada pesquisa. Reinert (1990), ao estudar a literatura francesa considerou cada classe como uma noção de "mundo", enquanto um quadro perceptivo-cognitivo com certa estabilidade temporal associado a um ambiente complexo. Em pesquisas no campo da linguística estas classes foram interpretadas como campos lexicais (Cros, 1993) ou contextos semânticos. Em pesquisas no campo da psicologia social, particularmente aquelas interessadas em estudar o conhecimento do senso comum, tendo em vista o estatuto que elas conferem às manifestações linguísticas, estas classes podem indicar representações sociais ou campos de imagens sobre um dado objeto (...)”. Informações disponíveis em < [http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IraMuTeQ%20em%20portugues\\_17.03.2016.pdf](http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IraMuTeQ%20em%20portugues_17.03.2016.pdf) > Acesso em: 8 jul. 2020.



#### 4. Resultados e Análises

Ao utilizar a análise de Classificação Hierárquica Descendente, o *software* organizou a análise em um dendrograma que apresenta visualmente as relações entre as classes. “O software executa cálculos e fornece resultados” que permitem descrever as classes, principalmente, “pelo seu vocabulário característico (léxico)”<sup>11</sup>, como pode ser observado na figura a seguir.

**Figura 1** – Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

Classe 2: Solidariedade enquanto força popular 26/128 – 20,31%			Classe 3: O contexto pandêmico e suas implicações no cotidiano 25/128 – 19,53%			Classe 4: As consequências sociais do novo coronavírus 23/128 – 17,97%			Classe 1: O trabalhador e suas relações em meio ao contexto pandêmico 28/128 – 21,88%			Classe 5: O uso do jornalismo e da comunicação como instrumento de mobili- zação social 14/89 - 15,73%		
	F	X <sup>2</sup>		F	X <sup>2</sup>		F	X <sup>2</sup>		F	X <sup>2</sup>		F	X <sup>2</sup>
Solidariedade	25	68,38	Casa	8	25,08	Social	25	19,01	Entregador	17	59,87	Rádio Melodia	22	81,80
Ações	7	19,57	Saúde	18	23,04	Desigualdade	6	18,25	Aplicativo	11	42,98	Ouvinte	20	71,12
Empresa	14	18,78	Novo	6	16,30	Importante	6	18,25	Entrega	10	38,74	E-mail	11	37,05
Popular	12	17,58	Mental	6	16,30	Entidade	7	14,36	Trabalho	13	33,33	Rede	12	32,49
Caridade	4	16,20	Pandemia	20	14,00	Classe	3	14,02	Trabalhar	13	21,87	Programa	28	30,03

Fonte: Informações do relatório de análise do software Iramuteq, 2020.

Pode-se observar, na figura 1, que o processamento do *Iramuteq* repartiu o *corpus* em 5 classes. A partir dos resultados organizados num dendrograma, coube aos pesquisadores nomear as classes com base nos seguimentos de texto (STs) e seus significados contextualizados. Isso foi possível a partir da lista das palavras mais expressivas e frequentes em cada classe, procedimento este que será detalhado a seguir.

A classe 1 utilizou 28 STs de um total de 128 STs para associar e agrupar as palavras referentes aos empasses trabalhistas gerados pela pandemia, sendo então nomeada como “O trabalhador e suas relações em meio ao contexto pandêmico”. Nesta classe, as palavras “entregador”, “aplicativo”, “entrega”, “trabalho” e “trabalhar” tive-

<sup>11</sup> Informações obtidas no site <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues> (Acesso em 8 jul. 2020).

ram uma frequência e associação maior entre si do que as demais. Como o programa **QLE em Movimento** surge da organização de um coletivo que reúne movimentos religiosos, sociais e sindicais, é coerente que a visão dos trabalhadores seja um dos pontos principais expostos nas peças produzidas. Dessa forma, observa-se o protagonismo desses agentes sociais na ação comunicativa (FREIRE, 1983).

Nos seguimentos de texto apresentados, os produtores do **QLE em Movimento** propõem uma discussão sobre como a rotina dos trabalhadores brasileiros – parte majoritária do público-alvo do programa – foi afetada graças ao coronavírus e a falta de ações governamentais. Alguns dos destaques gerados pelo *software* para esta classe foram extraídos do programa 3, que tratou dos entregadores e do “Breque dos Aplicativos”, uma greve da categoria ocorrida em 1º de julho de 2020. São eles:

“Vamos falar no programa de hoje dos milhares de brasileiros que trabalham pelas ruas das cidades e nelas são obrigados a continuar por não possuírem nenhuma renda básica que garanta o seu sustento e o de sua família: estamos falando dos entregadores que trabalham para os aplicativos, uma categoria que cresce cada vez mais em nosso país.” (Segmento de texto extraído do programa 3).

“Com a pandemia, o número de desempregados que já vinha crescendo aumentou ainda mais. Então só resta aos trabalhadores se arriscarem nos empregos informais, como é o caso dos serviços de entrega.” (Segmento de texto extraído do programa 3).

Observa-se, nestes destaques do programa, a pujança das narrativas demarcadas num espaço midiático na perspectiva de uma comunicação comunitária, elemento facilitador do exercício da cidadania em função de os comunicadores populares poderem difundir conteúdos diretamente relacionados à vida local, aos dilemas de trabalhadores afetados pela pandemia (PERUZZO, 1999).

Já a classe 2, ramificada da classe 1, utilizou-se de 26 STs de um total de 128 STs para abordar a temática referente ao enquadramento social dos acontecimentos recentes, sendo assim denominada “solidariedade enquanto força popular”. Nesta classe, destacamos as palavras “solidariedade”, “empresa”, “ações”, “popular” e “caridade”. Nos segmentos de texto as discussões apontavam que os membros do coletivo optaram por exaltar as ações de solidariedade popular emergentes na cidade de Viçosa e região em detrimento das ações divulgadas na grande mídia e promovidas pelos grandes conglomerados empresariais. Os apresentadores afirmam que:

“Vamos desmascarar essa falsa solidariedade das grandes empresas que tanto temos visto nos jornais e na tv e que vai no sentido contrário ao que é a verdadeira solidariedade do povo.” (Segmento de texto extraído do programa 2).

Ao estabelecer a diferença entre as doações da grandes empresas em busca de “publicidade” e a “verdadeira” solidariedade praticada pelo povo os produtores do programa roteirizam a questão com a propriedade de quem fala do seu cotidiano (CERTÉ-AU, 2014), no qual a realidade desses agentes sociais percebem essas dissonâncias.

Este episódio também destaca, por meio da fala da entrevistada Viviane Lírio, o entendimento de que solidariedade “(...) tem a ver com o processo empático de se preocupar com o outro e com o bem estar do outro.” A entrevista baseada nas técnicas de Barbeiro e Lima (2001) presente em quase todas as edições também é um espaço de falas que expressem de alguma forma o contexto no qual está inserido o coletivo.

Em seguida temos as classes 3 e 4, onde as discussões se entrelaçam no quesito implicações e consequências do coronavírus, mas apresentam discussões separadas. Para a classe 3, o software resgatou 25 STs do total de 128 STs para falar justamente sobre as novas problemáticas e demandas originadas e/ou redimensionadas com a chegada da pandemia. Ela recebeu, então, o nome de “o contexto pandêmico e suas implicações no cotidiano”. Nesta classe, apareceram palavras como “casa”, “saúde”, “novo”, “mental” e “pandemia”, retirados dos seguimentos de texto onde estava empregada a discussão sobre a conscientização dos ouvintes tanto acerca de aspectos da saúde física, como a importância do isolamento social e do uso de máscaras, quanto da saúde mental. Os apresentadores falam, repetidas vezes, que:

“(...) ficar em casa neste momento de pandemia é uma forma de cuidarmos da nossa saúde, da saúde da nossa família e de toda a comunidade”, além de alertar que “(...) no contexto da pandemia do novo coronavírus em que estamos inseridos, vemos um aumento desses fatores externos que prejudicam a nossa saúde mental.” (Segmento de texto extraído do programa 4).

Este é um dos exemplos da prestação de serviços que deve ser uma função dos meios de comunicação principalmente em tempos de pandemia como estamos vivendo na atualidade como reforçam Ferraretto e Morgado (2020).

Coadunada à classe 3 surge a classe 4, como exposto acima. Ela foi denominada de “as consequências sociais do novo coronavírus” por retirar 23 STs de 128 STs totais para explicar as consequências que o coronavírus trouxe à sociedade. As palavras mais

frequentes foram “social”, “desigualdade”, “importante”, “entidade” e “classe”. Os seguimentos de texto agrupados nesta classe, sugerem que os produtores reservaram boa parte dos programas para tratar das consequências geradas pela crise do coronavírus na nossa sociedade. Isso pode ser observado quando os membros afirmam que “a pandemia da covid-19 escancarou e aprofundou as imensas desigualdades sociais que há anos devastam o povo brasileiro” ou quando reivindicam que:

“(...) o atendimento à todas as demandas é muito importante, até porque a pandemia aprofunda as desigualdades, os sofrimentos e torna as violências ainda mais rotineiras.” (Segmento de texto extraído do programa 1).

O QLE busca, por meio de suas edições, denunciar desigualdades sociais e lutar para a mudança dessa realidade. Essa é uma bandeira erguida a partir das reflexões em torno do programa e de outros espaços de discussão do coletivo. Nessa possibilidade de diálogo, esses sujeitos se relacionam, se influenciam e juntos buscam modificar a realidade na qual estão inseridos (DIAZ BORDENAVE, 2013).

Por fim, a classe 5, formada pelas palavras “Rádio\_Melodia”, “ouvinte”, “e-mail”, “rede” e “programa” utilizou-se de 14 segmentos de texto de 128 STs totais. A referida classe teve um menor grau de relação às demais segundo o dendrograma e foi nomeada como “o uso do jornalismo e da comunicação como instrumento de mobilização social”. Os seguimentos de texto empregados na construção desta classe pelo *software* revelam que os membros do coletivo, no papel de comunicadores populares, fizeram uso das técnicas de produção jornalística para fazer contato, informar e passar suas ideias por meio do rádio. Isso fica explícito na fala de um dos apresentadores, quando convida os ouvintes a conhecerem mais do coletivo e interagirem com o programa **QLE em Movimento** nas redes sociais:

“Você, ouvinte da Rádio Melodia, pode nos encontrar nas redes sociais pesquisando por Quem Luta Educa Viçosa no *Instagram* e no *Facebook*, ou ainda, se preferir, pode entrar em contato com a gente pelo *e-mail* [qlevico-sa@gmail.com](mailto:qlevico-sa@gmail.com).” (Segmento de texto extraído do encerramento padrão de todos programas analisados).

Nota-se que em todos os casos, os locutores falam em tom de proximidade com o público e propõe meios de contato e construção conjunta. Nesse contexto, eles têm o rádio como instrumento de mobilização desses indivíduos num espaço midiático capaz de ressoar as lutas, anseios, ações de pessoas e assuntos que estão fora das pautas das



idade da população em meio aos acontecimentos recentes. Essa constatação é corroborada pelo seguimento de texto destacado pelo *software*:

“A solidariedade serve não somente como forma de sobrevivência física, mas sobrevivência do nosso entendimento de humanidade em tempos de coronavírus”. (Segmento de texto extraído do programa 2).

Os produtores, entretanto, não deixam que o programa perca o caráter crítico, como explicitado em:

“Solidariedade popular é aquela que vem do povo, não é o mesmo que as ações de caridade praticadas pelas grandes empresas que lucram milhões explorando seus trabalhadores enquanto aproveitam para se colocar enquanto salvadoras do mundo”. (Segmento de texto extraído do programa 2).

A solidariedade expressa nas edições do **QLE em Movimento** mostra para os ouvintes uma outra perspectiva de cobertura de informações sobre o coronavírus capaz de dar novas dimensões de entendimento para a população e também o fortalecimento das relações sociais (LOPEZ VIGIL 1995, p. 52). Além de solidariedade, são observados termos como *gente* – derivado principalmente da locução pronominal “a gente” equivalente ao pronome pessoal reto nós –, *social*, *Viçosa*, *popular*, *pandemia* e *saúde*.

Como a temática principal do programa **QLE em Movimento** é a pandemia e suas consequências, é natural que as palavras *pandemia* e *saúde* apareçam frequentemente no *corpus*. Os outros léxicos em destaque – *social*, *Viçosa* e *popular* – se devem, principalmente, às características e traços de pensamento e personalidade dos participantes do projeto: são moradores de Viçosa/MG que se preocupam com as questões sociais e propõe soluções que passam pela participação popular (PERUZZO, 1999, 2007). A locução pronominal “a gente”, nesse sentido, representa a chamada de responsabilidade e poder para a população, interlocutora do programa.

## 5. Considerações Finais

Ao longo do presente artigo, constatamos com base na análise das falas, expressões e palavras relacionadas às vivências midiáticas do coletivo presentes nos roteiros estudados, que o Quem Luta Educa usa das ferramentas comunicacionais, sobretudo do rádio, para transmitir ideias, causas e mobilizar a sociedade.

Além disso, observamos o protagonismo desses agentes sociais no fazer-jornalístico quando os mesmos tomam posse dos conhecimentos adquiridos por meio da parceria com o projeto de extensão **Alô, Comunidade: A voz da Cidadania e da Cultura Popular no Rádio em tempos de Coronavírus** e os relacionam com suas próprias experiências (FREIRE, 1983) para profissionalizar suas ações comunicativas.

Dentro do contexto pandêmico, os produtores do programa **QLE em Movimento** abordaram temáticas associadas ao cotidiano (CERTEAU, 2014) dos moradores de Viçosa/MG a partir da ótica dos movimentos sociais. Dessa forma, assuntos como solidariedade popular, saúde mental e crises trabalhistas ganharam releitura e novas problematizações embasadas no entendimento do Quem Luta Educa.

Nesse contexto, o rádio é tido como instrumento de mobilização dos indivíduos num espaço midiático capaz de ressoar as ideias do grupo. É importante salientar que as pautas tratadas por este coletivo em suas produções não teriam espaço garantido nas mídias tradicionais e hegemônicas, mas que, por agora ocuparem esse espaço, contribuem no processo de fortalecimento de uma cultura e educação democráticas através da socialização do direito de expressão (PERUZZO, 1999).

## Referências

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros Radiofônicos: Os Formatos e os Programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BRASIL DE FATO. **A comunicação popular, que sempre foi muito necessária, se torna ainda mais**. Disponível em: <<https://www.brasildefatope.com.br/2020/07/17/a-comunicacao-popular-que-sempre-foi-muito-necessaria-se-torna-ainda-mais>>. Acesso em: 18 de jun. 2020.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software IRAMUTEQ**. 2016. Disponível em: <[http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial-IRaMuTeQ\\_em\\_portugues\\_17.03.2016.pdf](http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial-IRaMuTeQ_em_portugues_17.03.2016.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrine, notícias**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. Culturas Híbridas: estratégias.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

DIAZ BORDENAVE, Juan. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

FENAJ. **Presidente é o maior responsável por ataques à liberdade de imprensa no país.** Disponível em: <<https://fenaj.org.br/presidente-e-o-maior-responsavel-por-ataques-a-liberdade-de-imprensa-no-pais/>>. Acesso em: 10 de jun. 2020.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática.** São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **“Covid-19 e comunicação, um guia prático para enfrentar a crise”.** E-book produzido pelo Núcleo de Estudos de Rádio (NER) da Universidade Federal do Rio Grande, 2020.

FRAGA, Kátia de Lourdes. **O rural em rede: rádio, midiatização e ruralidade no cotidiano da zona da mata mineira.** Tese (Doutorado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações ráfiofônicas em plataformas digitais de comunicação.** Rio de Janeiro: Mauad X, p. 215-220, 2016.

LOPEZ VIGIL, José Ignacio. ¿Qué hace comunitaria a una radio comunitaria? **Chasqui Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, n.52, p.51-54, nov. 1995. Disponível em: <<http://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/621/618>> Acesso em: 10 out. 2018.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação – Teoria e técnica do novo radiojornalismo.** Florianópolis: Insular, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. Rádio Comunitária, educação e desenvolvimento. In: PAIVA, Raquel. **O Retorno da Comunidade, os Novos Caminhos do Social.** Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

VIZEU, Alfredo; MESQUITA, Giovana. **O cidadão como mediador público: um novo agente no jornalismo.** Revista Estudos em Comunicação nº9, UBI – Universidade da Beira Interior, pp. 329-340, maio 2011. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/09/>